



IDADE D'OURO

DO BRAZIL.

Terça feira 23 de Janeiro.

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveia.

Da e Miranda.

BAHIA.

A Gazeta da *Hollanda* descreve a Acclamação do Rei dos *Paizes Baixos* com huma pompa, e luxo, que não era de esperar, não só porque os *Hollandezes* são pouco dados a hum luxo daquella ordem, como porque no actual estado de decadencia da *Hollanda* mal se podia suppor, que existissem materiaes tão ricos para o mais brilhante aparato, que nestes ultimos tempos se tem visto na Europa. Que infinito número de riquissimas carruagens, que fogos de artificio, que magnificas decorações de Palacios? Tanto pôde o amor do povo quando não vê no seu Soberano senão o instrumento da sua prosperidade! Aquella Nação, que foi a que mais sentio os estragos da nova liberdade revolucionaria, parece que vai subir de novo a aquelle auge de consideração, e riqueza, em que se achava antes da conquista de *Pechegrú*; e esta jucunda esperanza he que a fez mostrar tanto jubilo no dia da sua uniaõ com o seu Soberano, que pareceo hum dia de desposorio. Por ser muito extensa omittimos a descripção desta grande solemnidade, e só copiamos o Discurso do Rei na reuniaõ dos Estados Geraes, que he o seguinte cheio de erudição, e urbanidade:

“ Nobres e poderosos Senhores: — O dia em que vejo reunidos ao redor deste throno Estados-Geraes escolhidos em todas as Provincias dos *Paizes-Baixos*, deve satisfazer hum dos mais ardentes desejos do meu coração. — A intima e solida uniaõ destas Provincias foi, ha perto já de tres seculos, o alvo de hum Principe que, mais venturoso que muitos dos seus maiores e dos seus successores, havia nascido neste paiz, nelle havia sido criado, e ao qual já nãis se contestou tivesse profundado conhecimento de quanto havia mister, e huma adhesão sincera aos seus interesses. — *Carlos-Quinto* estava convencido

de que os Paizes-Baixos, para serem felizes e independentes, não só devião obedecer a hum só Soberano, mas que tambem cumpria regellos pelas mesmas leis geraes. Não lhe foi com tudo permittido dedicar a sua vida a esta saudavel obra; e em lugar desta uniaõ por elle desejada, bem como tambem pelo seu discipulo *Guilherme I.*, em breve teve de submeter-se a huma triste separaçãõ.

“Em que época forãõ mais evidentes e mais funestos os resultados desta separaçãõ, que nestes ultimos annos? E que geraçãõ foi mais que a nossa, testemunha e victima delles? A authoridade suprema havia passado a estranhas mãos; tinha desaparecido até mesmo a sombra da nossa politica existencia, e via-se o nome dos povos *Belgas* não menos obliterado que o seu poder. — Porém os costumes característicos, a boa fé, o respeito á Religiaõ, o affezõ ás instituições e aos usos de nossos pais, tinhaõ-se conservado, e formavaõ em todas estas Provincias hum laço apenas perceptivel, mas duradouro. E deste modo he que logo depois dos successos, eternamente memoraveis, que permittiraõ o estabelecimento da Monarquia *Belgica*, seus diversos elementos parece á porfia se apresentaraõ, e que em quasi todas as partes se descobrio certa propensaõ para em hum só e mesmo centro se reunirem.

“Hoje que o edificio está construido, somos nós, altos e poderosos Senhores, os responsaveis pela sua conservaçãõ, e pela sua firmeza, para com os nossos compatriotas, e para com a posteridade. — No meio dos importantes deveres que estaõ a meu cargo, conto com a vossa cooperaçãõ e com o vosso zelo patriotico. — Pódem occorrer difficuldades; porém não ha empresa realmente grande que dellas seja izenta. E de mais, devem acaso ellas assustar a *Belgica*, a quem a Providencia acaba de conferir taõ assignalados beneficios? — Resguardados de dissensões e desordens intestinas, tem podido os meus subditos dar-se sem violencia á sua antiga industria: o Commercio floresce; reina o socego nos campos e nas cidades; sãõ por toda a parte honrados os templos e o Culto Divino. A commodidade diffundida por quasi todas as partes do Reino tem servido de consolar e aliviar os que padeceraõ por causa da guerra, e dir-se-hia que esta mesma guerra não devera rebentar em nossos contornos senãõ para fazer testemunhas as muralhas de *Bruxellas* do valor dos nossos defensores e dos nossos intrepidos Alliados; para alli fazer luzir, com hum esplendor até entãõ desconhecido, as virtudes da cavidade e da beneficencia, e, em huma palavra, para inspirar ou alimentar por toda a parte sentimentos reciprocos de benevolencia, de confiança, e de estima.

“Pertence-vos a vós, nobres e poderosos Senhores, cultivar taõ preciosas sementes! Não se esqueça jámais que a concordia he a melhor garantia da segurança commum! Manifestai em toda a occasiaõ aquelle desejo do bem, aquella dedicaçãõ aos interesses geraes do Reino, que caracterizaõ os patriotas illustrados; e que pelo effeito do vosso exemplo, em breve seja em todos os corações arreigado o amor da liberdade, e das instituições que a protegem. — Feliz entãõ a Monarquia dos *Belgas*, e venturoso o Soberano que, fortalecido pela sua confiança e pela sua affeicãõ, os conduzir pela vereda da prosperidade, e da gloria.,,

A este discurso respondeo entãõ o Conde de *Tiennes*, Presidente da primeira Camara, com o seguinte:

“Senhor, Os Estados Geraes do vosso Reino depõem aos pés de V. M.

o testemunho de seu respeito, e de sua inteira dedicação. — No momento em que, em huma cerimonia augusta e solemne, feita segundo o antigo estilo, V. M. vai dar o juramento de manter e observar a Lei fundamental, e receber dos Estados-Geraes o mesmo juramento, assim como o de obediencia e fidelidade á sua Pessoa e Dignidade Real, elles se entregão confiadamente á esperanza da felicidade que vão gozar os habitadores deste Reino debaixo do governo de V. M., e da sua augusta Dynastia.

“Reunidos em outro tempo, e formando hum só Estado, tinhaõ estas Provincias chegado, no reinado do Imperador *Carlos V.*, ao zenith da gloria e da prosperidade. Porém o seu successor, tendo nellas querido estabelecer o despotismo, experimentou tal resistencia, que o obrigou a perdellas; e ao passo que, por consequencia das guerras que nessa occasião rebentáraõ, as Provincias septentrionaes conquistáraõ a sua independencia, obtiveraõ as outras a conservaçã das suas leis e usos, a que vinculavaõ toda a sua felicidade. — Até que por fim, depois de tres seculos de separaçã, e de muitas vicissitudes, trouxeraõ consigo os ultimos acontecimentos a reuniaõ dos dois paizes debaixo do sceptro de V. M. — Assim, compete ao descendente daquelle que fundou a Republica de *Hollanda*, e que livrou da oppressã as Provincias *Belgicas*, assegurar de novo a ventura de ambos os paizes.

“O vosso reinado, Senhor, não podia principiar debaixo de mais felices auspicios: a memoravel jornada de *Waterloo* fixou os destinos deste novo Reino, e debaixo do Commando do vosso valoroso filho, o illustre Principe d'*Orange*, sustentáraõ nella a sua antiga fama as tropas dos *Paizes-Baixos*, e emuláraõ em gallardia com os soldados do immortal *Wellington*.

“Os vossos povos, Senhor, tem já provado a estrêa da ventura que vão desfructar sob o vosso governo: as vossas virtudes, a sabedoria que distingue todas as vossas acções, as qualidades brilhantes dos vossos dois filhos, finalmente, a firmeza e moderaçã que tem constantemente sido o predicado da illustre Casa de *Orange-Nassau*, augmentaõ e reforçã a sua esperanza para o futuro; e a Lei fundamental, que estabelece os direitos civis e politicos de hum povo verdadeiramente livre, he o mais seguro abonador de sua venturosa estrella. — Rogamos por tanto a Deos derrame as suas benções sobre V. M., e sua Real Casa, e sobre o seu Reino. — *Viva o Rei!*,”

Leo-se a Lei fundamental, e seguio-se a prestaçã do juramento, pronunciado por S. M. com tal energia, que não escapou aos espectadores, e na qual devisáraõ o feliz presagio da fiel execuçã do pacto a que estaõ ligados os nossos destinos. Pronunciáraõ depois os Presidentes da primeira e da segunda Camara nas duas linguas a declaraçã solemne prescripta pelo artigo 54 da Lei fundamental; e acabado isto fizeraõ os Reis d'Armas resoar o grito de *Viva El Rei!* que foi repetido pela multidaõ congregada ao pé do estrado. — Immediatamente depois, lançaõ-se entre o povo medalhas cunhadas para esse effeito, com a effigie de S. M., e por lenda *Wilh. Nass. Rex. Luxemb. M. Dux.*; e no reverso, *Patr. Sal. Reg. et erid. Solen. Sacram. Asserta. M. D. CCC. XV.* — Cunharaõ-se de ouro, e de bronze. — Passou entã o cortejo á Cathedral. S. M. levava manto como o dos antigos Soveranos das nossas Provincias; trage nobre e magnifico que causou viva sensaçã aos espectadores, por despertar em seus animos a lembrança da época mais brilhante da nossa gloria e da nossa prosperidade. Concluido o *Te Deum*,

soltou o cortejo a Palacio, onde principiou ás cinco horas o banquete. A° noite houve illuminaçãõ geral, e immenso concurso de povo divagando pelas ruas para vêr e realçar este brilhante espectáculo.

Entráraõ neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 14. Da França, o Brigue Francez *Latalante*, Mestre *Jacob Aug. Hamet*, 56 dias de viagem, carga fazendas. Consignado a *Mello Brunfer e Companhia*.

Em 16. De Pernambuco, a Escuna Inglesa *Vivid*, Mestre *John Brown*, 2 dias de viagem em lastro. *Dono Moirs e Companhia*.

Em 17. De Londres, a Galera Inglesa *Navegator*, Mestre *Hanby Loggan*, 37 dias de viagem, carga fazendas. Correspondente *Carvalho e Companhia*.

Em 18. De Londres, o Brigue Inglez *Hechu*, Mestre *Wm. Wallan*, 39 dias de viagem, carga fazendas. Correspondente *Mello, Bransford*.

Em dito. De Caravellas, a Sumaca *Patarata*, Mestre *Antonio Francisco*, 16 dias de viagem, carga 800 alqueires de farinha.

Em 20. De Parnagua, o Bergantim *Pujante*, Mestre *Manoel Marques*, 30 dias de viagem, carga madeira, arroz, e couros. Correspondente o mesmo Mestre.

Em 21. Do Porto Alegre, a Sumaca *Bom-fim*, Mestre *João José de Azevedo*, 46 dias de viagem, carga carne, cebo, e couros. *Dono Amaro José Ribeiro Braga*.

Em dito. Do Rio Real, a Sumaca *N. S. da Encarnaçãõ*, Mestre e *Dono Antonio José Teixeira*, 24 horas de viagem, carga farinha, e milho.

Em dito. Do Rio Grande, o Bergantim *Boa Aurora*, Mestre *Benigno Rafael de Freitas Lisboa*, 28 dias de viagem, carga carne, cebo, e couros. *Dono João das Neves Silva e Azevedo*.

Em dito. Do Rio Grande, o Bergantim *Generoso*, Mestre *Christovão da Cunha*, 28 dias de viagem, carga carne, cebo, e couros. *Dono Antonio Pereira Dutra*.

Em 22. Do Rio Real, a Sumaca *N. S. da Penha*, Mestre e *Dono Joaquim José Pedreira*, 24 horas de viagem, carga farinha, e milho.

Em dito. Da Cotiguiba, a Sumaca *Bom-fim*, Mestre *José Teixeira*, 2 dias de viagem, carga caixas de açúcar, e mel. *Dono Manuel José Henriques*.

Embarcaçãõ que está a sair.

Para o Rio Grande a 24, a Sumaca *Nova Estrella*, Mestre *Antonio José de Souza Praça*. *Dono José Antonio de Azevedo*.

A V I S O.

Quem quizer comprar huma morada de casas terreas, em *S. Antonio da Mouraria*; falle com *Antonio Ralim de Moura*, morador na mesma rua direita N.º 14.

Com Permissam do Governo.

BAHIA: NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.